

# Internacionalização e integração:

interfaces, possibilidades e os desafios do Ensino Superior na Unila e Unilab

Internationalization and Integration: interfaces, possibilities, and challenges of Higher Education at UNILA and UNILAB

Danielle Araújo\*

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo realizar algumas reflexões sobre as atuais políticas de internacionalização nas universidades brasileiras, no qual cito as propostas da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e a Universidade Federal Internacional da Lusofonia Afrobrasileira – UNILAB. Tais instituições despontam no cenário nacional e internacional como proposta inovadora de Educação Superior. O artigo analisa e discorre, brevemente, sobre a importância de tais instituições no contexto educacional, sociopolítico e, sobretudo cultural.

**Palavras-chave:** Cultura, Internacionalização, Ensino Superior.

## I nternacionalização e integração: possibilidades e desafios

O fluxo entre professores e alunos de universidade de países diferentes sempre esteve presente na realidade acadêmica. Na forma de intercâmbio e/ou cooperação internacional, o fluxo entre professores e estudantes de um país para outro foi, e ainda é, uma realidade. Neste formato, a internacionalização não ensina grande novidade. Mas, se consideramos criação de universidades cujo eixo central é a internacionalização<sup>1</sup>, temos outras possibilidades de análise que requer densidade reflexiva.

1 São variados os conceitos de internacionalização. Neste ensaio, utilizo as propositivas de Van Damme (2001), que considera a mobilidade estudantil, a mobilidade docente, internacionalização de

Do ponto de vista histórico, as políticas de internacionalização brasileira datam de 1930. Iniciam-se com projetos de cooperação nos quais professores visitantes traziam cursos com o objetivo de fortalecer as universidades públicas brasileiras. Em meados dos anos 90, a internacionalização foi se consolidando com a articulação dos Ministérios da Educação, da Ciência, Tecnologia e Relações Exteriores, o que proporcionou maior investimento e a concessão de bolsas de estudos. Atualmente, o Brasil mantém o fluxo entre professores estrangeiros, bem como bolsas de estudo para alunos de doutorado, bolsas estas que são distribuídas de modo a priorizar as áreas consideradas estratégicas.

Historicamente, a América Latina tem um índice elevado de envio de estudantes a países europeus e norte-americanos. Contudo, tem baixa recepção, exceto em países como Cuba e Chile. A qualidade do sistema de saúde e educação em Cuba atraiu estudantes de toda América Latina, interessados na formação em medicina.

As políticas de internacionalização, da forma como vêm sendo conduzidas, priorizam a dita excelência profissional. Os jovens são encorajados a serem os melhores nas suas áreas de atuação. Apesar da importância desse tipo de internacionalização, que exporta estudantes e, com isso, incrementa a transferência de saberes entre países, é preciso observar a reificação de uma lógica hierárquica e excludente. Nesse modelo de internacionalização, automaticamente se reproduz desigualdades – estudantes de melhor poder aquisitivo, que falam outros idiomas são encorajados a estudarem fora do país, obtendo formação mais abrangente<sup>2</sup>.

A mobilidade estudantil é um tema atual e tem sido amplamente discutido em diversas universidades. É certo que esse debate só é possível devido às novas configurações econômicas globais e o lugar ocupado pelo Brasil nas políticas de integração.

Em palestra proferida na Universidade de São Paulo, Manoel Heitor, professor do Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, afirmou que países do Atlântico Sul têm assumido uma posição de centralidade no contexto energético.

O pesquisador afirma que a articulação entre universidades, governos e empresas aponta para novas possibilidades, as quais os especialistas denominam de nova era nas Relações Internacionais, contexto no qual as universidades têm um papel importante. Não podemos deixar de apontar a importância das universidades como agentes de transformação social.

currículos, abertura de filiais cooperação de rede e institucional formas de internacionalização. Teichler (2004) aponta que a mobilidade estudantil é uma das principais formas de internacionalização. Este tipo de internacionalização é o foco do presente trabalho.

2 O ingresso discente não segue regras específicas. A Unila, até então, ainda não deixou claro como tem acontecido o ingresso de estudantes estrangeiros. No caso dos brasileiros, o processo de admissão tem sido via o Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM.

Neste breve ensaio, procuro esboçar algumas reflexões sobre o que denomino de propostas inovadoras no campo do ensino superior. Refiro-me às universidades internacionais, criadas em marcos legais brasileiros, mas com o eixo central na internacionalização – cito a Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e a Universidade Internacional da Integração da Lusofonia afro-brasileira (UNILAB).

Autores como Contel e Lima (2009) afirmam que estas universidades estão orientadas por uma internacionalização ativa para atrair acadêmicos internacionais. Neste sentido o Brasil, enquanto exportador de mão de obra qualificada, ou melhor, cabeças de obra, passaria à condição de importador. Dois fatores de inovação podem ser claramente observados na proposta de internacionalização dessas universidades: o fato de estarem destinadas à graduação e, em decorrência disso, é o maior tempo de residência no Brasil e convivência entre os alunos - uma média de 4 a 5 anos. Há ainda que citar o fato dessas universidades terem a proposta de constituição do corpo docente e discente<sup>3</sup> formado por brasileiros, bem como por professores e alunos dos demais países latino-americanos e lusófonos do continente africano. O ingresso dos professores é feito por concurso público. Ao ser aprovado, o docente passa a ter o título de servidor público, com os mesmos direitos dos servidores públicos brasileiros. Nestas universidades, a internacionalização é um eixo central e, conseqüentemente, estruturante.

A mobilidade de jovens de diferentes países latino-americanos, no caso da Unila, e diferentes jovens da porção lusófona da África, no caso da Unilab, procura promover a integração para além da visão profissionalista e economicista, visão esta até então vigente nas propostas integracionistas. Almeja-se a integração em outros níveis, principalmente no plano cultural.

Paralelo ao cumprimento de políticas internacionais, estas universidades, também são depositárias da busca de um novo modelo de ensino superior. A formação acadêmica tecnicista gerou saberes fragmentados e profissionais pouco engajados com a realidade social, de modo que temos claro que não necessitamos somente da excelência profissional, mas, sobretudo, de profissionais criativos e engajados a colocar seus saberes em diálogo com a realidade – entenda-se, problemáticas globais. Nesta perspectiva, a internacionalização, que tem na mobilidade estudantil uma das suas formas de concretização, apresenta-se como um passo importante na formação de jovens mais dialogantes com realidades diferenciadas e sensíveis a outras formas de saberes e crenças que possam, de fato, fazer da universidade um espaço de multidiversidade.

3 Não deixo de considerar que as mudanças no perfil dos estudantes das universidades brasileiras tenha modificado de forma considerável esta realidade.

Paradoxalmente, o aspecto de maior relevância em universidades como Unila e Unilab, ou seja, o encontro entre estudantes de diferentes nacionalidades, também tem se apresentado como o ponto nevrálgico dos projetos. O fato é que para uma névoa quando surgem perguntas sobre os caminhos metodológicos para a efetivação das propostas. Como promover o diálogo entre diferenças num contexto genuinamente brasileiro? Como aterrissar os propósitos retóricos dos projetos para a prática acadêmica? Como discutir, propósitos políticos pontuais no contexto universitário. Por fim, como universidades criadas em marcos legais brasileiros poderão efetivar suas propostas de internacionalização e integração? Estas são perguntas frequentes que resultam em respostas icônicas.

A falta de sistematicidade e conectividade, isto é, relações baseadas no conhecimento de necessidades mútuas, pode levar os projetos a se tornarem propostas mais retórica do que efetivas.

Um ponto central que precisa ser debatido e compreendido pela comunidade acadêmica é que embora criadas por leis brasileiras, universidades como Unila e a Unilab nascem com propósitos específicos. Tais instituições não podem ser apenas mais uma no ranking das universidades. São instituições orientadas a discussões específicas com avanços/ inovações, sobretudo legais. O Ministério da Educação (MEC), as agências de fomento e os órgãos reguladores da gestão universitária precisam ser questionados e não podem ser um empecilho no caminhar dessas novas instituições de ensino superior.

É preciso apostar que universidades como a Unila e Unilab podem provocar mudanças significativas no cenário acadêmico latino-americano e mundial. Estamos calejados de saber que o modelo universitário vigente sofre de várias deficiências. Por outro lado, também é evidente a dificuldade de provocar mudanças em instituições consolidadas, de modo que criar instituições com propostas inovadoras parece ser a medida mais viável para repensarmos a universidade que queremos.

Diante das possibilidades e consequentes desafios, aponto para a importância de se investir com afincamento nas particularidades e na possibilidade de trazer ao debate novas perspectivas.

Faz-se necessária uma análise criteriosa e crítica sobre a história e a formação das nossas sociedades. Não podemos perder de vista que a América Latina e a África são continentes marcados pela pobreza e desigualdade social. Continentes que conjugam, a um só tempo, o componente racial e étnico, onde grupos étnicos foram exterminados, massacrados, e outros, em pleno século XXI, estão em vias de extinção.

Não obstante, no diálogo da integração não se pode deixar de antever que a distância entre o Brasil e os demais países latino-americanos, assim como dos países do continente africano, não é apenas geográfica.

Notadamente, o Brasil, renegar de norte a sul o que poderia chamar de uma cultura hispano-americana e africana. Seja na música, no cinema e nos hábitos alimentares, dentre outros. O fato é que estamos distante de apreciar, e até mesmo de consumir práticas culturais de países com os quais fazemos fronteira. Obviamente que o mesmo não pode ser dito acerca das músicas e do cinema norte-americano e europeu. Cito essa questão para observar que o fluxo entre estudantes e professores promovido por universidades como a Unila e Unilab apresenta uma fronteira de superação mais difícil que a geográfica: refiro-me à fronteira ideológica. Mais que o desconhecimento sobre os demais países da América Latina e da África, o Brasil tem o germe antecipado da rejeição às citadas realidades, de modo que a internacionalização em instituições como Unila e Unilab provoca não só o encontro entre realidades diferentes, mas, sobretudo, realidades feitas de modo a se rejeitarem e se excluírem. Isso demanda uma reflexão profunda e, sobretudo, o repensar a prática acadêmica.

Estamos diante de uma internacionalização e possível integração permeada por ambiguidades e conflitos históricos. É preciso ter clareza do racismo velado e ressentimentos contidos que, historicamente, constituem a realidade latino-americana. A importância da internacionalização estaria exatamente em provocar um diálogo profícuo entre realidades culturalmente distantes, mas similares em questões econômicas, políticas e, sobretudo, irmanadas pelas desigualdades sociais que as assolam, de modo que, apesar de não poder deixar em segundo plano a formação profissional e a disciplina, estas instituições não podem perder seu eixo transversal, que é de promover uma consciência integracionista latino-americana e africana.

É importante um diálogo abrangente, norteado e politicamente engajado. Os discursos arbitrários, o quantitativismo e o academicismo estéril, são dispensáveis a estas universidades. A qualidade e a excelência profissional teriam que ser redimensionadas por propostas que, ao invés de “boas”, precisam ser pertinentes. Em outras palavras, precisamos de saberes com sentido que respondam às demandas atuais e, muitas vezes, urgentes.

O diálogo da integração tem que ser percebido com seriedade e compromisso em todos os segmentos da universidade. O caminho será construído no caminhar. É certo que as dificuldades são inúmeras e surgirão a cada passo, porém a resignação pelos caminhos e estradas já edificadas terá que ser mais veemente.

Artigo  
Recebido: 03/03/2014  
Aprovado: 19/05/2014

**Keywords:** Culture, Internationalization, Higher Education.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to provide some reflections on the current politics of internationalization at the Brazilian Universities, in which I cite the proposals of Universidade Federal da Integração Latino-americana - UNILA e Universidade Federal Internacional da Lusofonia Afrobrasileira - UNILAB. Such academic institutions rise at national and international scenery as an innovative proposal of Higher education. The paper discusses about the importance of such institutions at the educational, sociopolitical and above all cultural context.

## Referências

CASTRO, Alda Araújo. NETO, António Cabral. In: O ensino superior: a mobilidades estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. Revista Lusófona de Educação. v. 21, n. 21, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/issue/view/234>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

CONTEL, Fábio B; LIMA, Manolita C. Períodos e Motivações da Internacionalização da Educação Superior Brasileira. Disponível em: <<http://www.ifbae.com.br/congresso5/pdf/B0095.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2009.

FELIX, Gabriela Malta. Uma nova era de cooperação e internacionalização universitária. Disponível em: <<http://www.uspbr>>. Acesso em: 16 de mar. 2013.

TEICHLER, Ulrich: The Changing debate on Internationalization of higher education. Higher Education, n. 48, p. 5-46, 2004.

VAN DAMME, Dirk: Quality issues in the internationalization of higher education. Higher Education, n. 41, p. 415-441, 2001.